ARTIGOS OPINATIVOS E DE REVISÃO

SEXUALIDADE E MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS RELACIONAMENTOS INSTANTÂNEOS NA ATUAL CONJUNTURA DE UM MUNDO MODERNO*Ricardo Desidério da Silva¹*

SEXUALITY AND MODERNITY: A REFLECTION ON THE CURRENT SITUATION IN RELATIONSHIPS SNAPSHOTS OF A MODERN WORLD

Resumo: A partir das aulas e seminários apresentados na disciplina “Fundamentos de política e gestão educacional” durante o primeiro semestre de 2013 no Programa de Educação Escolar na Unesp-Araraquara, principalmente quando iniciamos as discussões sobre modernidade, pós-modernidade e as consequências da globalização, percebemos a necessidade de uma compreensão/reflexão dos temas atrelados às linhas do programa, especificamente a linha de pesquisa “Sexualidade, cultura e educação sexual”. Foram várias as indagações iniciais que nos levaram a pensar e brevemente apresentamos alguns apontamentos neste texto: como são/estão os atuais relacionamentos, sejam eles entre quaisquer gêneros, nesta modernidade ou pós-modernidade? Há traços culturais que se mantiveram? As redes sociais (que efetivamente marcam este período) têm (im)possibilitado contribuir para a busca do prazer imediato? Quando podemos fazer uso deste recurso? O mundo virtual satisfaz (sexualmente) os relacionamentos? Fundamentados principalmente a partir das discussões do livro “As consequências da modernidade”, de Anthony Giddens, o autor nos provoca e nos faz refletir a partir de uma citação de John Donne, questionando-nos: “E se este presente fosse à última noite do mundo?” (1991, p. 6). A partir desta citação e dos questionamentos já mencionados, tomando como base os seminários e discussões apresentados no decorrer da disciplina, apresentamos inicialmente neste texto um breve relato sobre o que é modernidade a partir de Giddens (1991), e em um segundo momento apresentamos uma discussão sobre o que denominamos de “fast love” – amor instantâneo da nossa atual cultura, além de discorrermos sobre a insegurança gerada pela busca do prazer imediato.

Palavras-chave: sexualidade; relacionamentos; relacionamentos instantâneos; modernidade

Abstract: From classes and seminars presented in the discipline “Foundations of Educational Policy and Management” during the first half of 2013 the School Education Program at Unesp-Araraquara, especially when we began discussions on modernity, postmodernity and the consequences of globalization, we realized the need for an understanding / consideration of the issues tied to the lines of the program, specifically the research line “Sexuality, culture and sexual education”. There were several initial questions that led us to think and briefly present some notes in this text: how they are / are the current relationships, whether between any genders in the modernity or postmodernity? There are cultural traits that remained? Social networks (which effectively marks this period) have (dis) enabled contribute to the pursuit of immediate pleasure? When we make use of this feature? The virtual world meets (sexual) relationships? Based mainly on the discussions of the book “The consequences of modernity,” Anthony Giddens, the author challenges us and makes us think of a quote from John Donne, asking us: “What if this present were the world’s last night?” (1991, p. 6). From this initial quote and the questions mentioned above, based on the seminars and discussions presented in the discipline, we first present in this paper a brief account of what is modernity from Giddens (1991) and in a second phase, we present a discussion on what we call Fast love - instant love of our current culture, and make speeches about the insecurity generated by the pursuit of immediate pleasure.

Keywords: sexuality; relationships; relationships snapshots; modernity

¹ Pedagogo, doutorando em Educação Escolar, na linha “Sexualidade, cultura e educação sexual” pelUnesp-Araraquara-SP. Bolsista CAPES, contato@ricardodesiderio.com.br

Introdução

Na “Introdução” de seu livro, Giddens (1991) tenta definir inicialmente o que seria modernidade, afirmando que “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiam na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (p. 11). Deste modo, estaríamos assim, no início de uma nova época.

Alguns autores destacam a emergência de um novo sistema social, mas a maioria chama a atenção para um estado de coisas que está chegando ao fim, através da qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro que é possível antecipar. Assim, a sensação de que vivemos diante de um universo de fatos que não podem ser inteiramente compreendidos e que estão fora do nosso controle gera a ideia de que não se pode obter um conhecimento sistemático sobre a organização social (p. 12) – não bastando inventar novas palavras para explicar este redemoinho, mas sim olhar com atenção à própria modernidade e analisar as suas consequências. Eis a sua tese:

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, p. 12-13)

Segundo o autor, os modos de vida produzidos pela modernidade nos afastam de todos os tipos tradicionais da ordem social de uma maneira sem precedentes. As transformações produzidas pela modernidade seriam mais profundas tanto em seu aspecto vertical quanto do ponto de vista horizontal (p. 14).

Giddens também observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. Hoje, somos bombardeados por informações que chegam rapidamente até nós. A internet ao alcance de quase metade da população vem mudando muitos paradigmas, sejam eles formais ou informais. Com ela podemos aprender e/ou buscar alguma informação útil ou apenas dispor de informações

cotidianas para satisfazer apenas uma curiosidade momentânea.

Entre tantos avanços, a internet – parte desta pós-modernidade – trouxe os relacionamentos reais para pautas de grandes discussões no mundo virtual. Bate-papo, chamadas de vídeo, troca de mensagens, são apenas alguns dos meios que possibilitaram o aumento da vivência real para a experiência virtual. Experiências estas que deixaram também de ser apenas uma conversa em busca de uma amizade, passando até mesmo pelo desejo e/ou curiosidade do sexo virtual, por exemplo, deixando-o de ser real para ser uma experiência virtual.

E quando o sexo é virtual – do que estamos falando?

A expressão sexo virtual mantém uma relação conflituosa com os termos que a compõem, uma vez que virtual é potência, força de vir a ser, o que de fato só existe enquanto potência, não como ato (LEVY, 1996). Assim, sexo virtual seria a força de ocorrer e não o ato atualizado do sexo no ciberespaço, cujo termo mais usual é cibersexo. Cibersexo denomina o sexo no ciberespaço, suas práticas gerais e específicas.

A despeito de várias discussões sobre o erotismo on-line, nas formas verbais – contos, romances e assemelhados – e visuais – desenhos, fotos, animações e vídeos -, todos estes conduzindo o usuário a uma excitação sexual que pode resultar ou não em masturbação, compreende-se aqui que tais artifícios somente diferem das mídias originais – impresso e vídeo – pelo acesso e quantidade disponível, e não por sua relação ontológica de representação verbal e visual de atos sensuais, eróticos ou pornográficos. Assim, sites com tais conteúdos não diferem, na qualidade do material disponibilizado, dos meios tradicionais. Ainda assim, sua prática se aproxima da primeira concepção de interface computacional, embora não seja exemplar, visto que o usuário está atento não ao ciberespaço, mas ao conteúdo verbal e visual apresentado ali, como estaria com uma revista ou um DVD.

Segundo Rocha (2011), quando o usuário se encontra com um outro usuário on-line, seja em chats ou mensagens instantâneas, abrem-se novos horizontes, proporcionados pela interatividade on-line, a vivência do ciberespaço. “É certo que não há uma preocupação com o sujeito com quem se fala, apenas com os atos ali relatados, construídos. Seria como se houvesse, de fato, avatares que satisfazem os desejos carnis, não importando se há efetivamente alguém por trás do avatar” (ROCHA,

2011, p. 135-136). Para o autor, existem três concepções de interface frente a esta vivência do ciberespaço, a primeira

[...] quando o próprio ambiente criado pela tecnologia fosse, de fato, um mundo à parte, onde é possível tirar ou colocar máscaras, assumindo perfis distintos de comportamento. As pessoas não se reconhecem, sequer gostariam. O ciberespaço é um não-lugar, onde os processos de subjetivação cedem lugar para os processos de erotização, com comportamentos no mínimo contraditórios: o tecnológico torna-se animalesco, primitivo; o código demonstra sua maleabilidade na composição de desejos carnisais, de satisfação igualmente mundana. O ciberespaço é um campo livre para fantasias, desejos e comportamentos que se escondem na janela de interfaces gráficas. Talvez seja esta primeira concepção a mais buscada pelos usuários da internet, pelo anonimato possibilitado nas relações de interação social de cunho sexual (ROCHA, 2011, p. 136).

Já na segunda concepção de interface, o anonimato não tem o mesmo espaço, muito embora as pessoas envolvidas possam ser, de fato, desconhecidas (ROCHA, 2011). Com o uso de uma webcam, por exemplo, o interesse está voltado não para o espaço de uma sala de bate-papo, mas na pessoa apresentada pela câmera. As máscaras, aqui, são menos usuais, visto que a imagem do outro está presente, sendo mais difícil sua alteração. O interesse, então, está voltado para o outro lado da câmera, o foco está na pessoa com quem se fala, não no espaço de um aplicativo do computador. Essa diferença sustenta a mudança de orientação da primeira para a segunda concepção de interface: o foco não está no ciberespaço, mas no mundo natural do outro lado da tela, como se minha tela fosse um vidro que me deixasse ver através dele, não o ciberespaço, mas outro ponto do mundo natural.

Aqui as relações estão no nível da interação social mediada pelo computador, em que aspectos da pessoa com quem se fala estão presentes, como sua imagem ou timbre de voz. O conceito de tele – remoto – faz-se presente, retomando a prática do telesexo, agora em ambiente telemático. A experiência é mais presente e densa que na primeira concepção, satisfazendo mais as necessidades corpóreas das sensações e percepções para a construção da experiência sensual. Lembremos que sensual tem o mesmo radi-

cal de sensação, aquilo que o corpo sente, ou as impressões causadas pelos elementos externos ao corpo. Audição e visão conquistam o lugar da imaginação, tornando a interação mais sensual, mais sensória, mais corporal e intensa. As relações eróticas têm no corpo o lugar de sua ocorrência, tanto no corpo que vê e ouve, quanto no que é visto e ouvido, ainda que continue havendo a mediação tecnológica. As interfaces tornam-se invisíveis (ROCHA, 2011, p. 136-137).

Na terceira concepção de interface, Rocha (2011) considera que o ciberespaço se mescla com o mundo natural. As ações espontâneas, não necessariamente direcionadas ao usuário, repercutem diretamente no sistema, em uma mediação mais “natural”, a partir da fala, de gestos, do comportamento. O sistema mantém a atenção no usuário, realizando tarefas a partir do reconhecimento dessas ações. Aqui a excitação sexual pode vir na forma de um brinquedo sexual como interface, ligado ao sistema. Para o autor, “esta concepção de interface difere das duas anteriores basicamente por não haver a interação com outro usuário, mas com o próprio sistema, sem o reconhecimento do ciberespaço como metáfora do espaço físico” (2011, p. 137). Perde-se a ideia de representação, ainda presente na primeira concepção de interfaces computacionais, assumindo em definitivo a simulação. Embora não haja um interlocutor humano, esta concepção de interface é verdadeiramente a mais intuitiva, portanto tecnicamente capaz de provocar sensações mais complexas, tornando-se experiências mais completas, do ponto de vista sensório.

Fast love: amor instantâneo da nossa atual cultura

Nos últimos anos, os quesitos sensualidade e erotismo têm se destacado na mídia. Morin (1997), em seu livro *Cultura de massas no século XX*, afirma que nunca houve, na história da humanidade, um apelo tão maciço e tão intensivo à felicidade que é conquistada através do amor erótico. Para ele, o homem atual busca insistentemente o amor, que se tornou tema central da felicidade moderna que integra e traz uma série de alterações sensitivas – amor que exala e é universalizado através da cultura de massa mantém a mitologia olimpiana. O amor aclamado, fotografado, entrevistado, falsificado, que parece natural e evidente, é hoje o tema da felicidade moderna – dos relacionamentos instantâneos e da busca do prazer imediato.

Conhecer alguém, flertar, namorar, noivar, casar e constituir uma família é, então, uma trajetó-

ria típica de um relacionamento antiquado para o nosso líquido mundo moderno, segundo Zygmunt Bauman (2004). Hoje, os relacionamentos virtuais surgem e desaparecem a uma velocidade incrível: podemos entrar e sair facilmente de um relacionamento. Afinal, são fáceis de usar, compreender e manusear. E o melhor, podemos “deletar” literalmente na hora em que acharmos mais conveniente. Isto é exatamente o que acontece hoje com os jovens e, por que não dizer, também entre adultos.

As pessoas pela manhã conhecem o outro, trocam meia dúzias de palavras nos sites de relacionamentos – que hoje são muitos – e em poucos instantes juram amor eterno e afirmam ter conhecido o amor de suas vidas. Se falam ao longo do dia, muitas vezes até se vendo através de chamadas de vídeo e chegam a esquecer do “mundo lá fora” – do real. Como num passe de mágica, no final do dia todo esse sentimento simplesmente acaba, deleta-se do facebook, apaga-se do celular e da memória – é o fim – a morte diante da instantaneidade do amor virtual.

Em *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Bauman (2004) afirma que tudo isso é decorrente de “uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (p. 21). Para ele, amar então seria investir em um futuro incerto, porém nos atuais relacionamentos instantâneos não há a vontade de cuidar, e de preservar o outro na sua durabilidade, mas sim o desejar – que é a vontade de consumir, absorver, devorar, ingerir e digerir. Hoje, é impossível calar o apelo do impulso, principalmente quando se trata da paixão. Homens e mulheres vivem o eterno jogo do apaixonar e desapaixonar – uma condição tão natural da existência humana – que nos convida a novas tentativas. Talvez por um único objetivo: o prazer imediato. Prazer este que seduz e que é suficientemente capaz de enfeitiçar seu “objeto” de desejo.

Assim, com o desenvolvimento da sociedade foram se criando novas formas de ação e interação nos relacionamentos humanos, promovendo uma intensa transformação na constituição espacial e temporal da vida social – que recebeu o nome de mídia e foi a grande responsável pela democratização da informação e pelo intercâmbio de valores sociais, econômicos, culturais e políticos, é o que afirma Thompson (1998), no livro *Mídia e modernidade*. Exatamente nessa cultura consumista, por causa da globalização de informações, houve uma

complexa reorganização dos padrões de comunicação humana e a interação face a face, que era totalmente predominante, dissociou-se do ambiente físico, e assim os indivíduos passaram a ter a opção de interagir sem necessariamente partilhar o mesmo ambiente. Thompson (1998) ainda afirma que isso só foi possível com o surgimento de dois novos tipos de interação: a mediada, caracterizada pelo uso de algum meio técnico para seu estabelecimento, como é o caso da carta que necessita do papel e da caneta; e a quase mediada, que é referente às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (revistas, jornais, rádio, televisão etc.), que produzem formas simbólicas para distribuir a um número indefinido de receptores que decifrarão a mensagem em questão. Assim, com a emergência desses novos tipos de interação, as pessoas ganharam mais visibilidade neste tipo de relacionamento.

Mas apesar dessa vantagem, a maior visibilidade trouxe uma série de riscos, logo, um só ato indiscreto ou uma observação inconsequente agora pode ser transmitido em pouco tempo, a milhões de espectadores, gerando consequências possivelmente desastrosas.

Quando se trata dos relacionamentos virtuais, nunca se sabe ao certo quem está do outro lado. Confiar ou não confiar? Mas a entrega é tão “real” que todos os envolvidos não se privam e muito menos se preocupam com isso. Público e privado se tornam sinônimos para aqueles que se dizem apaixonados, ou melhor, amando aquele que em menos de 24 horas foi apresentado virtualmente. A “afinidade” vai tomando espaço, a conversa se estende e o convite para realizar uma chamada de vídeo acontece quase que intuitivamente. Muitas vezes na exposição inicial não aparece o rosto, lança-se o foco da imagem ao corpo, que é exposto até se ter uma “confiança virtual”. Neste sentido, passando algum tempo de conversa, seu rosto muitas vezes já é exposto e sua identidade é revelada ao outro. Entretanto, nunca se sabe se esta exposição é apenas para a pessoa que estamos conversando ou se existem outras pessoas presentes.

Se esta identidade, mesmo que virtual, agrada e se é recíproca e verdadeira, mantém-se a conversa, o bate-papo. Caso contrário, independente de quem seja, deleta-se rapidamente sem ao menos se justificar ou expressar. Assim é o mundo virtual, imerso em uma indústria cultural que se utiliza de artimanhas para cativar e envolver as pessoas. Entre os artifícios utilizados pela indústria cultural para prender a atenção do espectador, o que mais

se destaca é a exploração e o culto ao erotismo. Para Morin (1997), isso é uma demonstração de que o capitalismo tenta constantemente domesticar o Eros, assim, definir um padrão estético para normatizar o comportamento sexual das pessoas. Então se o corpo, a imagem – a identidade – está dentro de um padrão de beleza apresentado/molhado pela sociedade, continua-se a conversa. Caso contrário, a busca se reinicia. Um relacionamento virtual cíclico.

Sem dúvidas, a “satisfação instantânea” é hoje o que “está na moda” e somos levados e muitas vezes obrigados a conviver desta forma. Bauman (2004) afirma que “se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando mais precisa dela, [...], a companhia na solidão [...]” (p. 28-29). Ele ainda faz um alerta de que quando se entra em um relacionamento, as promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo. Será que fazer juras de lealdade ao que se acabou de “adquirir” realmente vale a pena?

Investir em uma relação, eu diria que é assumir o seu maior desafio, vivendo e aprendendo a conviver, sobretudo com uma incerteza permanente, principalmente quando se trata de um relacionamento virtual, em que tudo pode ser verdade, assim como não pode ser. É certo que não só os relacionamentos virtuais são alvos dessas incertezas permanentes. Mas hoje, uma das maneiras mais intensas e fundamentais que os casais têm de se relacionar é a comunicação verbal ou “teoria do diálogo”, como costume denominar. Falar, escutar o outro, perguntar e elucidar abertamente as fantasias, os desejos, as angústias de cada um, sem preconceitos, não só enriquece os relacionamentos como torna-os mais íntimos e confiantes.

Partindo desta teoria do diálogo surge a comunicação sexual que se apoia tanto nas palavras como nos gestos, e é daí que advém a sua riqueza e variedade para quaisquer relacionamentos.

Pode parecer simples tocar, roçar e apalpar a pele, mas estes gestos são uma das mais refinadas artes do amor. Praticamente todo nosso corpo é sensível, de uma forma ou de outra, ao calor de outro corpo, e saber emitir com carícias todo desejo que se sente é entrar em um universo de sexualidade que, uma vez descoberto, é irreversível pelo prazer que nos provoca. Como isso é possível nos relacionamentos virtuais? Talvez, um artifício bastante utilizado neste caso nos remete a um de nossos sentidos: o olhar. Afinal, é impossível calar ao apelo do impulso, principalmente quando se trata

do olhar. Homens e mulheres vivem o eterno jogo da sedução, e apenas um olhar pode ser suficiente para enfeitiçar seu “objeto” de desejo.

Se fazer notar e deixar bem claro a quem se quer conquistar, o que se quer, é fundamental. É impressionante como muitas pessoas conseguem seduzir a outra com apenas um olhar. Ele pode ser tímido, singelo, pode ser um olhar que entende, um olhar que provoca, um olhar safado e até aquele olhar que pergunta, ou mesmo que responde.

Em uma conversa virtual é simples: basta olhar. É neste momento que toda força instintiva e energética se inicia e tudo parece transbordar como uma lava de um vulcão. É chegado o momento em que a energia sexual flui incontrolavelmente pelo nosso corpo. Sentimos um arrepiamento instantâneo que parte avidamente em busca de um prazer que, uma vez conhecido, deseja-se repeti-lo infinitamente. É então o momento de se lançar para o gozo, guiado pelo instinto, e iniciar o mais extraordinário dos jogos humanos: atrair e se sentir atraído. É uma sensação incrível, única. Só aquele que já passou por uma situação como esta sabe do que estou falando. Talvez seja este olhar, essa sensação de se sentir desejado que faz tanto sucesso nos relacionamentos virtuais e até mesmo para aqueles que já estão envolvidos em um relacionamento real e sente necessidade de buscar algo a mais nos sites de relacionamentos.

O ser humano necessita se sentir desejado, não importa por quem. É como nos afirmou Amparo Caridade (1997) em seu maravilhoso livro *Sexualidade: corpo e metáfora*, Somos seres pulsionais marcados pelo desejo, acima de tudo pelo desejo de ser desejados: “Pois quando eu te vejo, eu desejo o teu desejo”, canta Caetano Veloso. Mas não só em momentos casuais que devemos lançar o nosso olhar. Em um relacionamento é preciso atrair e se sentir atraído a todo o momento. Um casal não pode se “acomodar” e deixar de se cuidar, valorizar-se para o outro. O jogo da sedução entre casais precisa acontecer sempre para dar forças ao relacionamento. O casal que não se preocupa com isto faz de sua vida, de seu momento com o parceiro, uma rotina. Rotina esta que pode ser decisiva para brigas constantes e/ou até mesmo o término do relacionamento.

Pode-se então dizer que o se sentir atraído ganha muito mais espaço e força em um relacionamento virtual, mesmo para aqueles que vivem um relacionamento real. A busca do prazer imediato, do querer se sentir desejado, mesmo que por alguns instantes, podem ser um dos motivos para as relações virtuais e é realmente como nos afirma

Bauman (2004), as relações virtuais parecem feitas sob medidas para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam a velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Considerações Finais

Durante as aulas, entre as discussões realizadas sobre o tema, comentando especificamente sobre este texto, as opiniões divergem no que diz respeito a acreditar ou não nos relacionamentos virtuais. É claro que esta conversa não se tratou de uma pesquisa, mas sim de uma pequena discussão a respeito da temática apresentada, mas que alguns comentários foram bastante interessantes para este texto.

É interessante perceber que os relacionamentos virtuais podem existir, podem ser feitos acordos, vários objetivos devem e precisam ser apresentados para que, como medida de segurança, fique mantido esse relacionamento. Principalmente quando se trata de um relacionamento entre duas pessoas que não são da mesma cidade ou do mesmo país. Achei muito interessante quando perguntei a um amigo se ele acreditava em um relacionamento virtual e ele me respondeu acreditar na ilusão do relacionamento virtual. Talvez essa ilusão seja exatamente o prazer imediato, tão presente nos relacionamentos instantâneos, pois ele ainda completou, “mas acreditar que eles são duradouros e 100% verdadeiros, não”. É exatamente aquele simples tocar, roçar e apalpar a pele – refinadas artes do amor que são imprescindíveis.

Sem dúvidas, a satisfação instantânea é hoje o que está na moda e somos levados e muitas vezes obrigados a conviver desta forma. Certo? Errado? Talvez afirmar uma resposta seria muita ousadia de minha parte. Convido-o a vivenciar o amor e acredito ser ainda a melhor opção e como diz o grande poeta Vinícius de Moraes “que seja infinito enquanto dure” (MORAES, 1960, p. 96).

Referências

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARIDADE, A. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997.

CHAUI, M. *Laços do desejo*. In: NOVAES, Adauto (org). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

LEVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: 34, 1996.

MORAES, V. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ROCHA, C. *Interfaces computacionais e cibersexo*. In: DESIDÉRIO, Ricardo; CAMARGO, Hertz Wendel de. *Mídia, educação e sexualidade*. Londrina: Syntagma Editores, 2011.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.